

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 265
4 de outubro de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Hoje eu queria voltar a algumas questões já discutidas anteriormente. A partir da sugestão de uma pergunta feita por um aluno, comecei a tomar algumas notas, em parte respondendo a algumas observações do Francisco Razzo que me pareceram totalmente despropositadas. Mas a discussão aqui evidentemente não é com Razzo, e sim com Immanuel Kant.

O problema central, o miolo de toda essa questão, é o seguinte: vemos, por exemplo, uma pessoa que tem a aparência de um ser humano (dois braços, duas pernas; tem uma conformação estética de ser humano) e essa pessoa emite sinais com seu corpo -- com a boca emite sons, com os braços e o resto do corpo faz gestos etc. --, e tenta comunicar algo a mim. Por trás desses sinais, suponho não só que ela está pensando e os produzindo, mas que ela tem uma consciência de si -- um *em-si* --, que ela tem uma interioridade em que conversa consigo mesma e, conforme expliquei em meu artigo "Meditação e Consciência", toma consciência de si como força parcialmente criadora de sua própria liberdade. Essa capacidade eu denomino-a "essência do ser humano", e é isso realmente o que distingue o ser humano de todos os outros seres.

Ora, se conforme Kant eu não posso apreender coisa alguma em si mesma, e sim somente em sua aparência fenomênica, então a interioridade que eu imagino apreender através dos sinais exteriores -- da aparência fenomênica, da voz, dos gestos, do olhar etc. -- é ela também uma aparência fenomênica ou ela é o *em-si* da pessoa? Não faz o menor sentido falar de liberdade humana caso essa interioridade não seja o *em-si* da pessoa, mas apenas uma aparência fenomênica para mim. Esse é o miolo de todo o problema.

A filosofia inteira de Kant se explica em função de um projeto utópico no qual, tendo colocado entre parênteses, ou abolido, a idéia do juízo final, do céu e do inferno etc., ele vê o destino humano como dirigido, orientado por um objetivo histórico. Trata-se de um pensamento eminentemente utópico. Ele definia esse objetivo utópico como sendo "a formação da sociedade racional". Ou seja, ele via que todas as gerações anteriores de seres humanos não estavam suficientemente humanizadas porque não tinham desenvolvido totalmente a razão -- seriam pouco mais que animais --, mas que no futuro haveria uma sociedade que seria o império da razão, em que tudo estaria organizado segundo categorias racionais, e essa seria a finalidade da existência humana. Nada se compreenderá de Kant sem o entendimento de que tudo está feito em vista desse programa.

Por que ele faz a *Crítica da Razão Pura*, a *Crítica da Razão Prática* etc.? Para aprimorar e aplanar o caminho para essa sociedade racional futura. Nós conhecemos os efeitos históricos da tentação de formar uma sociedade racional. Há por exemplo as obras do historiador

britânico Niall Ferguson, que vão mostrando como o excesso de regulamentação e de controle de tudo, ou seja, o abuso da faculdade racional sobre a espontaneidade e a incontornabilidade -- ou a irracionalidade, se quiserem -- da sociedade é o que está minando não só a economia como toda a civilização ocidental. Sendo assim, estaríamos vivendo exatamente em um mundo kantiano, o mundo como Kant o imaginou.

Essa coisa, como ele imaginava, não é muito diferente do projeto de Maquiavel. Este não era um defensor da ditadura ou da tirania, mas um defensor do que viria a ser o modelo do governo constitucional dos Estados Unidos. Não o modelo que foi implantado em 1776, e sim o modelo de hoje: a sociedade totalmente administrada, onde todos estariam submetidos a uma multidão de regulamentos que controlariam absolutamente tudo, e que os próprios governantes também não teriam a liberdade total que teria um tirano, porque eles também estariam sempre sob o temor das leis. Esse é o modelo que está sendo levado à prática hoje.

Temos, portanto, estes dois grandes antecessores, que são Maquiavel e Kant. Se não nos livrarmos deles e dos efeitos residuais de suas filosofias na cultura contemporânea, jamais nos livraremos do império do politicamente correto, da sociedade administrada, dessa utopia globalista e de tudo o mais. Esse é o problema. Quando vejo qual é a noção do ser humano individual de Kant, em que por um lado ele preza a liberdade, mas nega que possamos conhecer o *em-si* do ser humano -- portanto a sua essência de ser livre -- e acaba reduzindo tudo à aparência fenomênica, pergunto: "Que liberdade é essa?". Tudo isso não faz o menor sentido.

Por que Kant faz tudo isso? Que ele está querendo com tudo isso? Ele queria depreciar a possibilidade do conhecimento humano para exaltar o que chamava de fé. Mas que ele entendia por fé? Fé, diz ele, é aquilo que nós "sabemos" de algo que podemos pensar, mas não podemos conhecer. E embora você nada possa conhecer a respeito do objeto da fé, você é obrigado a tê-la, porque trata-se de um imperativo categórico e porque faz parte da nossa constituição humana. Ele diz que temos a obrigação de crer em um Deus supostamente onipotente que não pode sequer falar conosco, não pode sequer infundir em nós a capacidade de conhecer as coisas em si. É uma coisa tão absurda, tão inconsistente, que chega a depor contra a inteligência humana o fato de que tantas gerações tenham levado esse sujeito a sério, quando evidentemente tudo isso é uma espécie de pegadinha utópica; ou seja, ele é mais um Karl Marx, ou mais um Maquiavel, inventando um modelo de humanidade e decretando o que podemos ou não podemos conhecer.

Em compensação à limitação do conhecimento humano tal como o descreve, ele diz que podemos criar através da ciência um mundo cognitivo que não corresponde necessariamente à realidade externa -- às coisas em si --, mas que é "válido". Em grande parte, todo o projeto da ciência moderna é profundamente afetado por isso; ou seja, é um mundo onde não se conhece propriamente nada, mas onde se pode manipular tudo e obter certos efeitos.

Sabemos que em todas as faculdades de ciências e tecnologia -- do Brasil, pelo menos -- as pessoas acreditam piamente, como crianças, que a funcionalidade técnica de uma lei científica qualquer é prova da veracidade dela: se você pode produzir certos efeitos, fica provado que aquilo é verdadeiro. Mas não, um efeito verdadeiro pode ter milhões de explicações diferentes, basta você produzir um determinado encadeamento de causa e efeito e o efeito se produzirá, o que não quer dizer que tenha realmente compreendido todo o mecanismo. Por exemplo, uma doença qualquer pode ter muitas linhas causais diferentes; se você dominar uma delas, pode produzir a doença. É a coisa mais simples do mundo.

Isso quer dizer que nenhuma aplicação tecnológica jamais prova lei científica alguma; é preciso muito mais do que aplicação tecnológica para isso. A própria noção de que a aplicabilidade técnica é prova da veracidade de uma lei já é um critério que vem do pragmatismo; ou seja, a veracidade de uma coisa não consiste em conhecer o que ela é, mas no que se consegue fazer com ela, a utilidade que se consegue dar a ela. Isso é também um filhote remoto do kantismo: não podemos conhecer o que são as coisas em si, mas podemos produzir um conhecimento científico válido. Ele não diz verdadeiro, mas válido; válido quer dizer “que funciona”.

Do mesmo modo, eu decreto que não posso conhecer a interioridade do ser humano, saber o que ele é por dentro, só posso conhecer a sua aparência. Ou seja, através da aparência -- das palavras, dos gestos etc. -- eu capto não a interioridade verdadeira dele, mas uma outra aparência. Essa aparência é a de um ser humano livre, que só é livre em aparência. Como então fazer de uma liberdade que é somente aparente um valor organizador da sociedade? Isso é absolutamente impossível. Por trás das aparências, o que eu capto é uma interioridade real, eu percebo como a pessoa é um *eu* consciente, auto-criador tanto quanto eu, e digo: “Esta é a essência humana, isto é o que o ser humano é em si mesmo, não apenas para mim, não apenas na sua aparência, mas para si mesmo e em si mesmo”. Isso é exatamente o que nos distingue dos animais, que embora pensem, embora tenham às vezes até as mesmas categorias de pensamento e percepção que nós (animais percebem espaço e tempo, percebem causa e efeito, essas mesmas coisas), isso nos diferencia deles, para muito além do mero pensamento ou das categorias do pensamento.

Alguém lembrou [creio que o Fábio Salgado de Carvalho] que Kant dizia que podemos nos compreender uns aos outros, ou seja, através dos sinais externos eu posso apreender o que as pessoas estão pensando por dentro porque nós todos pensamos com as mesmas categorias de pensamento; como as categorias são universais, podemos nos entender graças a elas. Ora, isso é um absurdo, é inaceitável até como trabalho de ginásio, porque ainda que as categorias sejam universalmente as mesmas, elas nada podem me informar sobre o pensamento de um indivíduo em particular. As regras da gramática, suas categorias, também são universais. Quer isso dizer que por elas serem universais eu posso entender o que cada pessoa está falando, somente aplicando essas regras? É inteiramente absurdo. O próprio Kant diria em outra parte que de uma regra universal não se pode deduzir um fato em particular. O que uma pessoa está pensando e querendo me comunicar é um fato particular de um certo momento, e ele não pode ser deduzido de nenhuma categoria universal. O sujeito que diz “A” e o que diz o contrário de “A”, estão ambos usando as mesmas categorias universais; portanto dessas categorias eu não posso deduzir se ele disse “A” ou o contrário de “A”. É uma coisa tão boboca que não mereceria nem mesmo atenção. Existem muitas coisas bobocas em Kant, camufladas por trás de um pensamento muito intrincado, de um vocabulário muito especializado, muito fino que ele foi desenvolvendo para isso. É um vocabulário tanto mais fino quanto mais absurdo o que ele quer dizer.

Em princípio, toda e qualquer tese filosófica, por mais complicada que seja, tem de poder ser exemplificada com fatos concretos perceptíveis ao ser humano. Se não há exemplos concretos, se a regra só pode ser compreendida na linguagem da própria regra, então ela não está dizendo nada. É exatamente o contrário da perspectiva vista em Platão ou no próprio Mário Ferreira dos Santos, em que os princípios mais gerais, que são conhecidos imediatamente, quase que intuitivamente pelo ser humano, como o princípio de identidade, de antecedente e consequente etc., sendo universais, manifestam-se tais e quais em qualquer série de fatos que

se observe. Mário dá o exemplo (inclusive há uma gravação esplêndida no YouTube¹) em que ele explica a relação de antecedente e consequente. Segundo sua formulação, o antecedente só é antecedente do consequente formalmente; mas o consequente é consequente do antecedente formal e materialmente. Isso quer dizer, por exemplo, que entre pai e filho, o pai só passa a ser materialmente pai do filho quando este nasce; antes, o pai só o é formalmente. Mas o filho, a partir do momento em que nasce, é filho formal e materialmente. Não é possível, portanto, nivelar antecedente e consequente, pois existe uma relação hierárquica necessária, em que a antedecência do antecedente só se materializa a partir da existência do consequente, e não antes. Isso é uma regra abstrata, porém ela se verifica em qualquer exemplo que se queira, seja na geração dos seres humanos, na das tartarugas ou em qualquer processo temporal. Mais ainda: até na antedecência, que não é temporal, mas meramente lógica. Há milhões de exemplos. Uma vez que você explicou isso na linguagem mais abstrata e universal possível, pode exemplificar com casos concretos compreensíveis a qualquer pessoa.

Eu conheci um filósofo estruturalista dos anos 60 -- de cuja aula ninguém entendia uma palavra sequer -- que quando você lhe pedia explicações ele respondia: "Eu não desço do meu universo semântico". É esse o problema de Kant, ele não desce de seu universo semântico. O que ele está dizendo, portanto, só vale dentro do seu universo semântico, não vale para este mundo no qual nós estamos. Esse é um teste em que muitas filosofias não passam. Se não existe uma exemplificação acessível, sensível, no mundo concreto, o sujeito não está falando de nada, está falando de algo que só vale no universo semântico dele. Muito bem, você não desce do seu universo semântico, mas quem me obriga a entrar nele se eu não quiser? Seu universo semântico não passa daquilo que está acontecendo em sua cabeça, é algo puramente subjetivo: na medida em que ele não está aberto a uma relação com as coisas em torno, ele é puramente subjetivo. A filosofia de Kant é inteira assim, é quase impossível explicá-la em termos que não sejam o vocabulário de Kant.

Há o famoso livro de Roger Verneaux, *O Vocabulário de Kant*. Você passa um tempão para aprender aquilo; na hora em que aprendeu, entrou no universo semântico de Kant. Isso basta para você tirar um mestrado, ter um doutorado etc. Mas que isso pode ter a ver com a vida real? Tem sim algo a ver: é a fórmula do projeto utópico da sociedade inteiramente racional e administrada. Essa é a relação dele com a realidade. Não é uma relação de um juízo de realidade que afirma algo sobre o universo existente, é a relação de um plano utópico a interferir na realidade no futuro. Então entendemos o truque todo da filosofia de Kant: quis embarcar todo mundo em um projeto utópico em que o futuro seria o reino da razão, e a existência de todas as gerações anteriores funcionaria quase como se fosse uma evolução animal [ele não acreditava em evolução animal] destinada a criar esse mundo utópico, totalmente racional, que seria o substitutivo histórico do céu e do inferno abolidos. Esse é o projeto kantiano, feito com tal complexidade e elegância que, depois de entrar naquilo, você não consegue mais sair. Você entra no universo semântico do cara e não consegue sair. Significa que isso tem de ser rejeitado cem por cento, de cara, dizer: "Eu não quero isso; você está me enganando, está mentindo". Nesse sentido, Kant é muito pior que Karl Marx.

De Kant e de Hegel saíram as duas linhas revolucionárias: o positivismo e o comunismo. Dessas duas, o comunismo fracassa, mas o positivismo continua dando certo, não porque coincida com a realidade, mas porque adquiriu prestígio científico. Noventa por cento da linguagem científica hoje em dia é kantiana, não se refere a coisas reais, mas a esquemas inventados, a modelos.

¹ Em 1:37 <https://www.youtube.com/watch?v=v0npbwfLXsE>

Outro dia alguém me perguntou o que eu acho do cognitivismo; eu disse que tem um certo valor, por exemplo, nas obras do Jean Piaget, com a condição de que você reconheça que modelos computacionais são apenas analogias, não podem ser a explicação dos processos cognitivos, porque são apenas uma analogia, assim como não se pode explicar uma coisa simplesmente desenhando-a. Um modelo da coisa, que é resumido, simplificado, pode ter uma finalidade heurística, ou seja, quando você vê o modelo simplificado, entende a coisa melhor, não porque o modelo esteja explicando, mas porque ele a simplificou e tornou mais fácil o seu raciocínio. Isso não quer dizer que o modelo contenha a explicação. Então, onde quer que haja modelos de qualquer coisa, não há uma explicação, apenas um instrumento heurístico para facilitar a percepção de certas relações que, na realidade bruta, não apareciam tão claramente. Não quer dizer nem mesmo que essas relações sejam uma explicação. Ou seja, o modelo serve para sugerir hipóteses; depois das hipóteses é que começa o estudo: você percebeu certas analogias, certas relações etc., e agora, de todo esse conjunto de idéias que o modelo sugeriu, vai ter de separar e descobrir quais são as verdadeiras e quais são as falsas. O modelo, portanto, é o começo da investigação científica, e não o final, a sua explicação. Se os cognitivistas reconhecessem isso, nós teríamos de admitir que eles têm razão. O modelo pode ser útil nesse sentido. Mas se me oferecem um modelo em lugar da explicação, então estão querendo me enganar.

Esses modelos valem tanto quanto os modelos mecânicos que apareceram na cabeça de René Descartes e seus sucessores. Por exemplo, a idéia do homem-máquina. Há certos aspectos do ser humano que podem ser simulados por uma máquina. Isso não quer dizer que o ser humano simule a máquina; é a máquina que simula o homem. Portanto, se faço um modelo simplificado, de onde o tirei? Da coisa que a experiência apresentou: está aqui um ser humano e, com base no que observei dele, eu concebo uma máquina. Onde está a explicação da máquina? No original que copiei, e não o contrário. Quando você inventa um relógio, ele simula o movimento diário da Terra, seu ciclo diário. Por acaso, você vai em seguida explicar o ciclo diário pelo relógio? Não. É o original que explica o modelo, e não o modelo que explica o original. O sucesso acadêmico dos modelos tem criado uma devastação intelectual no mundo, que eu acho que isso está na origem de quase todos os erros e barbaridades, não só científicas, mas administrativas, políticas e econômicas que nós vemos hoje em dia. É uma recusa de operar em um mundo que está em aberto e que é complexo demais para você, e a necessidade do ser humano se fechar dentro de um modelo que lhe parece mais acessível; e sem dúvida é mais acessível. Mas quanto mais acessível é o modelo, mais ele está fugindo da complexidade da realidade.

Uma vez li um artigo de Denis de Rougemont em que ele dizia que, em geral, os profetas, místicos etc., acertaram mais em prever o futuro do que todos os futurologistas científicos. Isso é verdade. Nos anos 70, acreditava-se naquilo do livro *Ascensão e Queda das Grandes Potências*, de Paul Kennedy, que somou todos os orçamentos militares do mundo etc., e que vendo a relação entre desenvolvimento econômico e orçamento militar chegava à conclusão de que a União Soviética seria a potência dominadora nas décadas seguintes. A União Soviética acabou! Ora, teve muita gente que, sem fazer essas contas, disse que ia acabar. Quem sentia a absurdidade do sistema, como Alexandre Zinoviev, ou Solzhenitsyn, dizia que não poderia durar mais muito tempo, porque estava absurdo demais.

Já mencionei muitas vezes aquilo que Wilhelm Worringer diz sobre o estilo gótico: quanto mais primitiva é uma cultura, uma sociedade, mais ela tende a uma arte de tipo geométrico. Isso porque as figuras geométricas dão uma impressão de domínio intelectual da situação. Ou seja, você está colocado em uma selva cuja forma é tão complexa que você não pode sequer apreendê-la, então você se refugia em um modelo geométrico. Quando você cria a cidade e

uma distância protetiva entre você e a selva, esta passa a ser um objeto de contemplação estética. A partir daí cria-se a arte naturalista, já em fase mais avançada. Do mesmo modo, uma concepção mais complexa e mais aberta da realidade só é possível quando há um certo intervalo entre o ser humano e a situação que ele está tentando descrever. Se não tem esse intervalo, a pessoa se fecha em um modelo e pronto, acabou.

Toda essa coisa de raciocinar com modelos vem do Kant, porque se não temos acesso à *coisa-em-si*, não podemos produzir uma ciência verdadeira, mas apenas uma ciência válida. Isso é muito importante para ele. Kant diz que não temos acesso à verdade, mas temos acesso a um conhecimento válido. Válido quer dizer “operacional, funcional”, que lhe permite agir sobre a realidade. Mas agir sobre a realidade não quer dizer que você a conheça. Eu já dei o exemplo no próprio livro *O Jardim das Aflições*: aqui tem uma árvore, você a serra e a transforma em uma mesa ou em uma cadeira. Isso quer dizer que você agora conhece a árvore? Não só você não a conhece, como ela não existe mais.

Pouca gente se lembrou de observar que talvez seja desse preceito kantiano que nasce a idéia de Marx de que os filósofos se limitaram a interpretar o mundo, mas o que interessa é transformá-lo. Esse preceito já está embutido em Kant. Se o conhecimento não é verdadeiro, mas válido, no sentido operacional, ou seja, de que podemos aplicá-lo à realidade, então é óbvio que o que interessa é transformar a realidade, e não conhecê-la. O indivíduo pode aceitar isso e dizer ser adepto à tecnocracia, mais ou menos como Maquiavel, em que vai ter uma elite governante que também não está totalmente livre, porque ela também está sob o peso das leis, e permanentemente com cada um com medo de ser punido pelo outro (como acontece aqui nos Estados Unidos hoje). Ou eu sou um tecnocrata desse tipo, ou então sou um revolucionário marxista, que são as duas alternativas que nós temos hoje: positivismo e marxismo.

É evidente que o potencial revolucionário do marxismo não é uma coisa duvidosa, até porque ele já se apresenta como projeto revolucionário. Acontece que o projeto de Kant é mais profundamente revolucionário ainda; porém, está camuflado sob a idéia do imperativo categórico de natureza moral, sob a exaltação da fé, sob a idéia da paz perpétua etc. Toda essa parafernália é o que está criando o que hoje podemos chamar de ditadura científica. O Estado moderno pode até determinar com quem você pode falar e com quem não pode falar. Se você dissesse isso a Júlio César ou a Átila, o Huno, eles achariam horrível. Iriam dizer: “Eu posso prender uma pessoa, mas não posso proibi-la de falar com ninguém”. Mas hoje, um sujeito faz uma queixa do outro e este fica proibido de falar com aquele: não pode telefonar nem chegar perto. Isso em nome do direito e da liberdade. De onde sai isso? De um conceito kantiano de liberdade: a liberdade não como essência humana, mas como um conjunto de relações convencionais estabelecido pela própria sociedade e pelo Estado. É a liberdade no sentido jurídico, e não no sentido essencial. Mas se o homem não é metafisicamente livre, e se a sua liberdade (no sentido que eu expliquei no artigo “Meditação e Consciência”) não é a sua verdadeira essência, o homem não tem liberdade metafísica, mas vai ter liberdade jurídica. Ou seja, o parlamento vai fazer com que uma coisa que não existia no ser humano passe a existir: “Eu não sou livre, mas o parlamento decreta que eu sou”.

Entendo que se não existe a liberdade metafísica, e eu não tenho interiormente a liberdade de me criar a mim mesmo, então não adianta o parlamento decretar que eu sou livre, porque isso é a mesma coisa que decretar que dois mais dois vai dar cinco. No entanto, isso acontece diante da nossa cara todos os dias. Daí a imensa gravidade desse projeto kantiano, que a maior parte das pessoas não percebe. Kant parece ser o sujeito mais pacífico e bonzinho do mundo, ele não briga com ninguém (só deu umas rosnadas para o Swedenborg e para o

Herder no começo) e parece um homem pacífico, porque só vive em casa, não faz discurso, não agita as massas etc. O projeto essencial do mundo moderno, porém, é o projeto de Kant. É daí que sai toda a parafernália do politicamente correto e da sociedade administrada em que estamos vivendo. Urge, portanto, voltar às origens para ver de onde saiu essa coisa toda. Em um artigo publicado em 5 de maio de 1998, denominei Kant como sendo “o pai da porcaria”. Eu vou dizer por quê.

Estou, então, falando do processo de laicização da vida intelectual que:

(...) se por um lado teve o mérito de aliviar a inteligência dos abusos da autoridade eclesiástica,
(...)

Abusos que existiam, sem dúvida.

(...) o fez à custa de liberar os intelectuais de toda obrigação moral, de lhes conferir, junto com uma saudável liberdade, uma autoridade excessiva e sem limites.

Quer dizer, os intelectuais, sobretudo, associados aos projetos governamentais.

Pois o olho é a luz do corpo, mas tem um limite natural: a realidade que o circunda. O abuso começa quando o olho, desistindo de enxergar, começa a inventar.

Então é o tal negócio: não podemos conhecer as coisas em si mesmas, somente as suas aparências, mas podemos criar em cima disso um mundo válido e impor esse mundo aos outros.

E essa revolução não começa com Voltaire ou Rousseau, mas com um homem que ninguém diria desonesto ou perverso. Começa com Immanuel Kant. Foi ele o primeiro que, negando a nossa capacidade de conhecer a realidade como tal, atribuiu ao mesmo tempo à inteligência o poder de *inventar* um mundo válido.

Todo o projeto marxista já está aqui! É o transformar o mundo, meu Deus do céu!

Com isto ele substituiu involuntariamente, à legítima pretensão de conhecer, uma ambição ilimitada de poder. Diante da porcaria intelectual moderna, está na hora de alguém bater à porta do ilibado Immanuel Kant e dizer aquelas palavras fatídicas: “Toma que o filho é teu”.

Quanto liberais antimarxistas e anticomunistas não existem, que se apegam ao Kant? Eles não percebem que já está tudo lá: construir um mundo válido em cima do mundo real que nós não podemos conhecer. Isso *já é* o projeto da revolução comunista, meu Deus do céu! Isso já é o projeto que sobrepõe a transformação ao conhecimento e que acredita que transformar uma coisa é conhecê-la.

Daí segue a sequência de notinhas que eu fiz. A última, que eu acho a mais importante de todas, é a seguinte:

Se só temos acesso a aparências fenomênicas, e a nenhuma coisa em si, então das duas uma: ou a intercomunicação das consciências é impossível; ou a consciência alheia, cujas representações internas apreenda através da aparência sensível de suas palavras e gestos, é também ela própria nada mais que uma aparência, e não o *em-si* de uma interioridade humana que tenta comunicar-se comigo.

Então aqui tem o som das palavras -- ou os grafismos etc. --, e eu por trás delas capto uma representação interna. Essa representação interna, por sua vez, reflete um diálogo que a pessoa teve consigo, no qual ela toma consciência de si como liberdade criadora. É aí que eu consigo discernir a essência humana, isso é o *em-si* do ser humano, e é isso que o diferencia de todos os animais; essa é a forma inteligível do ser humano: a liberdade no sentido metafísico é a essência do ser humano. Então como que eu não apreendo o *em-si*? Se isso não é o *em-si* do ser humano, se isso é só mais uma aparência, então, evidentemente, acabou a intercomunicação das consciências. Eu estou me relacionando apenas com uma aparência.

O subterfúgio kantiano de que “nos compreendemos uns aos outros porque temos as mesmas categorias de pensamentos” é pueril, na melhor das hipóteses, porque essas categorias, justamente por serem universalmente as mesmas, nada podem me informar sobre as representações interiores de um indivíduo em particular.

Seria como querer deduzir das regras da gramática o que um sujeito está falando agora. Mas as regras da gramática são as mesmas para todo mundo. Por isso mesmo, delas nada se deduz do que o indivíduo disse de fato; e é o que o indivíduo diz de fato que manifesta a sua interioridade, e nessa interioridade eu posso perceber a liberdade criadora de um *eu* que toma consciência de si mesmo, e na medida em que toma consciência vai se criando dentro de uma condição evidentemente limitada. Ele não é um criador ilimitado, onipotente como Deus, mas de certo modo está instaurando a sua liberdade na medida em que a aceita e a exerce. [Isso foi longamente explicado pelo Louis Lavelle, não preciso insistir.] Ou eu apreendo o ser humano assim e percebo que por trás da sua aparência biológica existe essa liberdade que a tradição filosófica inteira define como “a forma inteligível do ser humano”, “o seu verdadeiro *em-si*”, o *em-si* que ele vai apresentar no Juízo Final diante de Deus (é a sua consciência que você vai apresentar diante de Deus, a sua consciência mais íntima); ou eu apreendo isso, ou tudo que eu chamo de representação interior do sujeito é apenas a aparência de uma aparência. Veja, mais para trás eu tinha colocado outra nota dizendo o seguinte:

Se o fato de só apreendermos os objetos por meio dos nossos órgãos de percepção fosse prova de que não os apreendemos em si mesmos, e sim somente em aparência, (...)

Isto é, o objeto para ser visto tem de se conformar à estrutura do meu olho.

(...) o homem que usa óculos, ou que olha por uma luneta, não apreende nem isso, e sim somente a aparência de uma aparência.

Porque ele tem de se adaptar à lente e a lente se adapta ao olho.

Dois homens de óculos conversando são quatro aparências; seis para quem os vê conversando.

E isso não termina mais. Daí surge a pergunta: Uma aparência é algo ou não é nada, existe ou não existe? Se ela existe, enquanto aparência é algo em si mesma. Ou não é? Seria ela só aparência de uma aparência, de uma aparência, de uma aparência, e assim por diante?

A filosofia de Kant é maliciosa e pueril ao mesmo tempo, profundamente destrutiva. Ele foi não só um dos maiores inimigos do cristianismo, por estar infiltrado desde dentro, mas um inimigo da espécie humana de algum modo, porque ele tudo quer sacrificar a essa utopia da sociedade racional futura. Trata-se de um dos projetos totalitários mais sutis e canalhas que alguém já pôde inventar.

Alguém me mandou um vídeo do Ariano Suassuna que eu achei uma verdadeira maravilha. Ele diz: “Olha, eu vejo isto aqui [como exemplo, Olavo pega na mão um copo] e digo que é um copo — que é em essência um copo —, mas o Kant diz: ‘não, isto é uma aparência de copo, eu não sei se este copo coincide com a aparência dele que está na minha cabeça’. Bem, pensar isso na frente de um copo é fácil, quero ver pensar isso na frente de uma onça”.

Aluno: Professor, há um tempo li um artigo do senhor chamado “A Era dos Masturbadores” no qual o senhor falou também do aspecto cosmológico do sexo. Na antepenúltima aula o senhor voltou a tocar no mesmo assunto ao falar do método kantiano e mostrou que este vem influenciar a interpretação errônea que a modernidade tem sobre a relação sexual. Onde posso encontrar material de estudo para compreender tal dimensão?

Olavo: Não pode encontrar; eu não vi ninguém que estudasse isso. Talvez no livro de Randy Engel, *The Rite of Sodomy*, ou nos livros de I. Michael Jones tenha alguma coisa. Pode ser até que eu tenha lido algo e me esqueci. Mas isto aqui é uma interpretação que eu mesmo estou fazendo, é um tema com o qual eu mesmo estou trabalhando. Eu confesso a vocês que... Um rapaz chamado Miguel disse o seguinte: “O senhor devia escrever um livro sobre o Kant, como fez sobre Maquiavel e Descartes”. Acontece que ainda não estou maduro para escrever isso, porque o Kant realmente me tira do sério, ele é o único filósofo de quem eu tenho raiva, e enquanto você está com raiva não dá para explicar as coisas direito. Eu ainda estou chocado com o Kant; faz trinta anos que estou chocado. Esse é o tipo de coisa que a gente lê um pouco e “não, espera aí, isso está me fazendo mal, daqui a pouco eu volto”. E sempre volta. Quanto mais eu entendo, mais raiva tenho, porque é muita sacanagem que tem ali atrás, é uma coisa que ninguém suspeitou.

Quando você lê o livro de Roger Verneaux, *O Vocabulário de Kant*, que é um trabalho de erudição acadêmica absolutamente admirável, fantástico, você vê em primeiro lugar que a filosofia de Kant não é transportável para fora do seu universo semântico: ou você entra ou fica fora. Então, de cara, isso já é operação de bruxaria, porque ele está moldando um outro esquema de pensamento no qual, quando você entra, tem de tomá-lo como única referência. O mundo real com o qual você está acostumado, o mundo da experiência pessoal, deixa de ser referência, e você vai ver *tudo* através do kantismo. Não é como outras filosofias, que estão falando de partes ou aspectos da realidade e se referindo a um mundo que é o mesmo no qual você vive; não é realmente assim. Ele está transportando você para um outro mundo separado. Então é um efeito igual realmente ao que você tem das seitas, onde o indivíduo é separado de sua experiência real e transportado para uma outra atmosfera fechada, por assim dizer, onde ele não tem mais contato com a família nem com ninguém, só vive dentro do círculo da seita e passa a ver tudo num outro universo semântico e até outro universo perceptível. Isso é operação de feitiçaria, não é filosofia. É o contrário do que faz Sócrates, que está o tempo todo convocando o testemunho dos seus ouvintes sobre a sua experiência real. Sócrates pergunta: “Você não viu assim na sua vida? Olha lá, me diz se não é assim”. É assim que um filósofo faz. Kant não, ele fecha tudo, e você não consegue sair daquele universo.

Ninguém nunca escreveu um livro que explicasse a filosofia de Kant sem ser na linguagem de Kant. Isso já é uma coisa altamente suspeita. Ademais, ele tem essa utopia da sociedade totalmente racional. O mais curioso é que a racionalidade é o traço exclusivo dessa utopia. Ele não fala, por exemplo, da felicidade humana; é só o império da racionalidade, o que já é uma coisa também altamente estranha.

Por trás da elegância aparente das estruturas da filosofia kantiana, existem erros tão primários quanto esse muito bem assinalado pelo Alessandro: eu tenho um imperativo

categorico, tenho de crer, por imperativo categorico, num Deus onipotente cuja impotência está manifesta no próprio conteúdo da minha fé. Quer dizer, esse Deus onipotente não pode falar comigo, não pode se revelar a mim. Se Ele não pode sequer me dar o conhecimento das coisas em si mesmas, mas só se ele me cercou num mundo de aparências, então ele coincide com o “gênio mal” da filosofia de descartes, que espalha aparências e não me deixa ter acesso às coisas reais. Por que eu tenho de acreditar nesse deus que foi o próprio Kant que inventou? Porque isso seria o imperativo categorico.

Eu vejo tanta malícia na filosofia de Kant, mais do que vejo em Karl Marx. Portanto, eu digo que não estou maduro para escrever um livro sobre Kant; eu preciso me acalmar primeiro, tenho de tomar uma distância dele, para daí poder explicar as coisas com mais calma. Talvez eu consiga isso este ano, ou no ano que vem, se Deus quiser. Mas confesso que é difícil, porque quando a malícia passa de certo limite, começa haver um toque realmente diabólico.

Quanto ao aspecto da sexualidade kantiana, eu vejo o seguinte: o kantismo influenciou todos os setores da cultura, e a influência dele consiste no seguinte: “não temos acesso às coisas reais, só às aparências; fora disso só temos a fé”. Que é a fé? É crer numa coisa “porque sim”. Quando você lê que “a fé é um imperativo categorico”, você tem de acreditar sem razões, e a fé aí é mostrada como o contrário do conhecimento. Veja: no evangelho, que eu cito há muito tempo, em Mateus, quando perguntam a Jesus se ele é o Messias ou se tem de esperar outro, Ele diz: “Vão e contem a João Batista o que vocês viram e ouviram: viram o paralítico andar, viram que o cego enxerga, viram que o leproso aparece limpo”. Jesus não está dizendo “tem de crer por que tem de crer”. Kant, porém, manifesta isso, manifesta e torna visível; ou seja, ele está exigindo uma coisa que o próprio Jesus não exigiu: o acreditar sem nenhum indício razoável. A fé para ele é o “pensar sem saber”.

Ora, a fé não é nada disso, a fé em primeiro lugar é você não trair a verdade conhecida; a fé é fidelidade, *fides* em latim. Aqueles que viram os milagres de Cristo, conheceram Cristo pessoalmente quando Ele passou pela terra, conheciam-no e, portanto, não precisavam ter fé para saber que Ele fez isso ou aquilo, eles viram. Porém, por que Pedro o negou quando foi espremido? Pedro sabia, mas negou porque naquele momento perdeu a fé sobre a fidelidade à verdade conhecida.

Toda a doutrina católica é perpassada por esta noção: existe uma grande parte que você pode conhecer e, já que você conheceu essa parte e Deus te mostrou isso, é uma questão até de educação você confiar no restante. Deus é uma fonte confiável porque Ele fez o paralítico andar, fez o cego enxergar, limpou o corpo do leproso, fez mais isso e aquilo, e continua fazendo. Então, já que você tem todos esses fatos, todas essas demonstrações visíveis da ação de Deus, se Ele disser uma coisa a mais -- Ele é a mais confiável das fontes --, então você acredita nisso também. Mas não quer dizer acreditar cem por cento em coisas que você não conhece ou não pode conhecer. Esta definição da fé avilta a própria noção de fé. Agora, tem muita gente bem-intencionada -- inclusive, o autor do famoso *Meditações Sobre os 22 Arcanos Maiores do Tarot*², que é um padre alemão e um apreciador de Kant, no fim das contas -- que diz: “Não o pessoal não entende o Kant porque ele depreciava o conhecimento para exaltar a virtude da fé”. Ora, não é essa a virtude da fé que está na doutrina católica, não é essa doutrina da fé que está no evangelho; não é o “acreditar sem saber nada”, é o “acreditar sem saber tudo”, por conta da confiabilidade da fonte e do testemunho. Aliás, todo e qualquer conhecimento humano é assim: sabendo uma parte, você confia no testemunho do restante. Inclusive a ciência é assim: se você estuda uma ciência, quantos dos experimentos científicos

² Segundo a edição da Paulus, 1989, por mim consultada, o autor é anônimo. O Prefácio é assinado pelo filósofo alemão Robert Spaemann e a Apresentação pelo Padre suíço Hans Urs von Balthasar.

ali expostos você realizou por conta própria? Quase nenhum. Mas você acredita que existe uma confiabilidade, e a confiabilidade da comunidade científica é um elemento fundamental para o aprendizado das ciências. A confiabilidade de Deus é também um elemento essencial para a compreensão da fé cristã.

Kant radicaliza a fé: trata-se da fé totalmente sem fundamento, mas nós temos de acreditar. É claro que isso é um truque, que te deixa sem chão -- do mesmo modo que esse problema de Deus assinalado pelo Alessandro. Isso afetou todo o mundo moderno e uma infinidade imensa de pensadores começou a buscar as estruturas que existem por trás do mundo sensível, estruturas que seriam a explicação de tudo, que seriam o *a priori*. Quando Karl Marx fala da luta de classes, esta é o *a priori* que está por trás de toda a experiência histórica: por trás de toda a experiência existe um esquema, uma estrutura, e essa estrutura é o que explica tudo. Veio Freud, com o negócio do inconsciente, do *id, ego, superego*, "Ah, então não é a luta de classes, é o *id, ego e superego*"; veio o Jung, com os arquétipos do inconsciente coletivo; e todo mundo procurando o que é o *a priori* que está por trás de toda experiência. É a tendência é geral.

A tendência de desrealizar o mundo e a própria interioridade humana também é uma coisa kantiana. Existem inúmeros estudos sobre a dissolução do personagem na ficção moderna, a qual dissolução aparece muito claramente, por exemplo, em Marcel Proust ou em Kafka, em que só o que existe agora são estados, não há mais um personagem de carne e osso, um ente individualizado, livre e consciente de si; não, há só estados, sentimentos, emoções, tudo está fluidificado. Que é isso? É Kant. E assim por diante.

Vemos hoje que a noção de sexo está limitada ao orgasmo, uma coisa que cada corpo sente independentemente do outro corpo. Numa relação sexual, pode-se ter um orgasmo sem que o outro sinta absolutamente nada, ou até com o outro sentindo dor: um sujeito estupra o outro e tem com isso um orgasmo, enquanto o outro só tem dor. Portanto, o orgasmo é uma sensação puramente subjetiva, interna, que naturalmente desrealiza a presença do outro; não há mais diferença entre o orgasmo causado por masturbação ou o orgasmo causado por um contato real com uma pessoa que você ama etc.

Quando aparecem então bonecas infláveis e equipamentos eletrônicos para fazê-lo ter um orgasmo, isso quer dizer que a experiência sexual foi reduzida ao corpo de cada indivíduo, funcionando "o outro" apenas como uma aparência excitante. Que é isso? Kantismo.

Kant invadiu tudo na cultura contemporânea. Quando se chega ao ponto em que depois dos anos 60-70 começa-se a distribuir camisinha para todo mundo, há décadas não existe mais o tal do contato carnal. Este é uma exceção. Só há contato através de uma película de látex. O contato está ficando cada vez mais irreal. A dificuldade de reconhecer o outro como um ser que tem a sua liberdade e a sua interioridade, e reconhecer que nessa interioridade está sua verdadeira essência, sua forma inteligível de ser humano que o distingue dos animais, essa dificuldade é uma herança do kantismo. Essas coisas pervadem toda a nossa cultura; você não pode mais olhar nenhuma coisa em si mesma, só através de sua aparência, e a aparência da aparência, aparência da aparência e assim por diante.

Kant teve esse poder de desrealizar o mundo -- desrealizar não efetivamente; ele não pode desrealizar realmente, mas pode desrealizar culturalmente, ele torna aquilo difícil de conhecer, cria obstáculos entre o ser humano e a realidade, e sobretudo entre um ser humano e outro ser humano. Dizer que isso não é serviço do diabo... Ah, meu Deus do céu!

Tem gente que diz que Kant acabou com a metafísica. Ora, ele não acabou com nada, a filosofia inteira de Kant é um *flatus vocis*, ele não está dizendo nada. Quando se diz “eu só conheço as coisas através da minha estrutura de percepção, portanto não conheço as coisas, somente as suas aparências”, ele está esquecendo o seguinte: todo sujeito cognoscente, para ser sujeito cognoscente, tem de ser também objeto -- a não ser que ele seja o puro observador acima do mundo. Aí entra aquela famosa frase de Hegel, que fala da capacidade que a consciência humana tem de se isolar de todo objeto e tomar-se a si mesma como se fosse a única realidade. O ser humano tem realmente essa altíssima capacidade de abstração. Só que quando chega nesse nível de abstração ele só pode lidar com princípios gerais universais, ele não pode conhecer nenhuma realidade concreta. Quando você faz essa abstração, está esquecendo que você é também objeto; você se tornou uma espécie de sujeito absoluto.

A consagração do sujeito absoluto aparece, por exemplo, na filosofia de Fichte, em que o *eu* é a única realidade que existe. O *eu* de quem? O eu dele. Aparece também no Julius Evola: “A fenomenologia do indivíduo absoluto”. Ora, não existe indivíduo absoluto; o único indivíduo absoluto é Deus. A nossa individualidade é relativa, não existe a possibilidade de eu me transformar num indivíduo absoluto. Por mais que eu realize o ideal da liberdade interior humana, eu ainda tenho a dependência de todos os elementos não pessoais -- ou impessoais -- que me cercam e até me constituem.

Por essas coisas, vê-se a imensidão do malefício que Kant causou; muito mais do que Karl Marx, porque sem Kant não existiria Karl Marx. A idéia de que “não podemos conhecer a realidade, mas podemos construir um mundo válido”, todo o programa revolucionário de Karl Marx já está dado nessa frase.

A questão, por exemplo, da redução do sexo à aparência, ou seja, à sensação imediata -- que a meu ver é uma herança kantiana --, que eu saiba ninguém estudou. Precisa estudar. Se alguém estudou e souber de algum livro a respeito, informe-nos. Agradeço qualquer indicação que possa me ajudar nisso.

Aluno: Qual a definição de aparência e de coisa-em-si?

Olavo: Aparência é aquilo que está acessível aos meus sentidos. Por exemplo, eu tenho uma estrutura de percepção -- nasci com ela --, e posso perceber da luz certas longitudes de onda, outras não posso; do som, também percebo certas ondas, outras não; um cachorro percebe sons que não percebemos; e assim por diante. Segundo a tradição aristotélico-escolástica, desses elementos sensíveis, você pode apreender por abstração a forma inteligível que te diz o que as coisas verdadeiramente são: diz em primeiro lugar se é um ser ou uma qualidade, uma propriedade, um acidente etc.; e diz, em segundo lugar, os vários tipos de seres, se é uma tartaruga, um ser humano etc.

Segundo Kant, o que você apreende nunca chega nessa forma inteligível, é só aparência. Então, o que lhe parece ser a forma inteligível é apenas uma definição que você criou; essa definição pode ser não verdadeira, mas válida no sentido que permite operar sobre as coisas. Todo o programa positivista e do pragmatismo já está dado aí. Ora, que seria o mundo moderno sem positivismo e pragmatismo? É um mundo totalmente inimaginável, porque isso invadiu tudo. O papel fundamental da filosofia do Kant foi criar obstáculos e fazer com que o acesso ao conhecimento se tornasse cada vez mais indireto e convencional. É um desastre imensurável. A coisa em si para Kant é justamente o que nós não poderemos alcançar jamais. E a pergunta que eu fiz foi a seguinte: se eu não posso alcançar uma coisa em si, então quando Kant fala ou escreve, ele está me dando uma aparência fenomênica, através dos sons e grafismos etc.

Desses sons e grafismos, eu apreendo só a representação interna -- isto é, o pensamento de Kant, o conteúdo lógico do pensamento --, ou eu apreendo a atividade de uma consciência humana livre igual a minha, que está se criando a si mesma naquele momento? Se eu apreendo somente o conteúdo lógico da frase, e não a atividade real do ser humano concreto, então estou conversando só com fantasmas, e um dos fantasmas chama-se Immanuel Kant. Não há escapatória.

Isso seria dizer que só tenho acesso à aparência da filosofia de Kant, jamais saberei o que Kant pensou mesmo; e não posso saber o que ninguém pensou mesmo, não capto a presença humana, só capto aparências; e tem aparência, por trás da aparência tem outra aparência, e até a aparência se torna impossível de captar, porque ou a aparência é uma aparência em si ou ela é uma aparência de uma aparência; e assim por diante, não acaba nunca mais. Quem não percebe que isso é apenas uma pegadinha lógica, que é uma coisa mais ou menos como a demonstração da inexistência do movimento por Zenão de Eléia — que é uma pegadinha, sem dúvida —, não o percebe porque o vocabulário de Kant é muito complexo e elegante, a pessoa só consegue raciocinar sobre Kant na linguagem de Kant.

Ortega & Gasset dizia: “Eu fiquei dez anos preso na jaula kantiana”. Eu tive a sorte de não ficar nem um dia preso, porque imediatamente percebi que aquilo era uma jaula, que estavam com treta para cima de mim. Daí eu deixava aquilo de lado por um tempo e depois voltava. Temos de entrar no Kant com cuidado; tem de ser como Dante, que entrou no inferno, não pode entrar sozinho, tem de ter um guia, e esse guia tem de ser puro e limpo: ele é Virgílio, que pega você pela mão, depois Beatriz, que pega você pela mão e vai levando, para você *olhar* o inferno, não para estar lá dentro. Até hoje estou fazendo essa operação com Kant e não terminei ainda. Quando terminar eu escrevo um livro.

Aluno: Qual é a diferença entre uma abstração de tipo lógico-científico e a abstração de tipo literário? Por que a estilização feita por um romancista, que elimina alguns traços para reforçar outros, permite ver o objeto em diversos ângulos, enquanto a abstração matemática científica tende a restringir?

Olavo: Porque elas são feitas exatamente para isso, ou seja, a linguagem poética é uma linguagem de símbolos. O símbolo não tem um significado fechado, ele abre para uma multiplicidade de símbolos que podem inclusive variar de cabeça para cabeça. Isso significa que ele o está puxando, está estimulando a sua experiência do mundo real, e não fechando o mundo real dentro de uma fórmula, que é exatamente o que a abstração científica faz. Toda a linguagem científica é constituída de conceitos convencionais estabelecidos para toda uma comunidade, em que é proibido enxergar no objeto qualquer coisa que não esteja no seu conceito. Essa que é a diferença.

Aluno: A diferença de graus de credibilidade entre os discursos parece reforçar a idéia da distinção entre as duas formas de abstração, mas a meu ver isso não explica qual a natureza das duas.

Olavo: Bem, é exatamente o que eu estou explicando agora: uma coisa é você dar um símbolo que vai evocar milhões de experiências diferentes, quase inexpressáveis na mente da cada um; outra coisa é você dar um conceito fechado, em que cada vez que pensar a mesma palavra você vai ter de pensar exatamente o mesmo conteúdo. É por isso mesmo que a experiência literária é uma coisa individual e intransferível, ao passo que a linguagem científica é a mesma para todos, estabilizada para toda uma comunidade, porque ela não se destina a evocar o mundo real, mas a reduzi-lo a modelos que sejam manejáveis; essa é a finalidade das ciências,

e da tecnologia também, sem dúvida -- se bem que a ciência e a tecnologia realizam isso por meios opostos; mas o objetivo é mais ou menos o mesmo.

Aluno: Ao tentar transformar a realidade em vez de conhecê-la, conforme entendi sua explicação da essência da filosofia kantiana, isso não significa que nessa recusa em aceitá-la como é não seria uma arrogância do ser humano frente ao mistério da vida?

Olavo: Sem sombra de dúvida. É o ser humano que, como livre criador do seu universo, inventa um universo válido que ele superpõe ao universo real, declarando-o incognoscível. Esse é um abuso da liberdade humana.

Aluno: Kant então é satânico -- no sentido original da palavra --, um opositor?

Olavo: Eu creio que sim. E é por isso mesmo que eu não escrevi um livro sobre Kant até agora. Isso é briga de cachorro grande. Discutir com Karl Marx... Karl Marx perto de Kant é até um ingênuo; mesmo porque o marxismo tem inúmeras versões, você pode explicar o marxismo em milhões de linguagens diferentes, pode até reduzi-lo a *slogans*, a puros discursos ideológicos e mais nada. Mas o kantismo não; o kantismo exige que você entre dentro da jaula dele. É uma operação que requer muito mais atenção, graus de abstração etc.

Por hoje é só. Acho que minha explicação ainda está um pouco tosca. Espero um dia poder explicar isso melhor, mas primeiro preciso acalmar um pouco em relação a Kant. Muito obrigado.

Transcrição: Caio Garcia Jardini Jorge e Nielton Dayve S. Santos

Revisão: Robson Fernandes